

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

EDUCACIÓN INCLUSIVA

Ampliando horizontes na educação dos surdos: propostas de atividades pedagógicas

Ana Paula Silva Oppenheimer Forte;
Alcina Maria Testa Braz da Silva¹

¹ Programa de Mestrado em Psicologia/ Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO.
oppenheimerap@yahoo.com.br; alcinamaria@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma experiência de caráter pedagógico para o ensino dos alunos Surdos nos cursos de Licenciatura, focando na área da surdez.

Discute também as mudanças que ocorreram nas concepções dos Licenciandos sobre a importância de aprender a disciplina LIBRAS após a sua inclusão na grade curricular dos cursos de licenciaturas.

De acordo a regulamentação da Lei de LIBRAS - Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, a inclusão da Língua Brasileira de Sinais como disciplina curricular deve ser obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, além de constituir-se em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional.

Em consonância com a regulamentação, apresentamos os pressupostos teóricos e os dados que sustentam a discussão, com a finalidade de levar os profissionais que trabalham com surdos a refletirem sobre a importância das atividades pedagógicas adaptadas em LIBRAS. Em termos específicos, procuramos atingir os seguintes objetivos: 1. identificar as dificuldades e os problemas na elaboração e implementação deste tipo de propostas pedagógicas na disciplina ; 2. identificar fatores que contribuem para a ensino da Língua de Sinais dentro da perspectiva de inclusão. Os resultados apresentados consistem em um recorte das produções dos alunos dos cursos de Licenciaturas à partir dos seguintes eixos temáticos: Português e Ciências, e a análise do impacto cultural vivido durante a experiência.

2. LIBRAS NOS CURSOS DE LICENCIATURAS DA UNIGRANRIO

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais - é uma das línguas faladas no Brasil e tem a finalidade de apresentar ao aluno com deficiência auditiva a língua e a cultura surda. Essa forma de comunicação obteve o reconhecimento oficial do governo brasileiro com o nº 10.436, de 24 de abril de 2002, como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. Esta mesma Lei prevê ainda que o Poder Público e as concessionárias de serviços públicos devem garantir formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da LIBRAS como meio de comunicação objetivo e de uso corrente das comunidades surdas do Brasil.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema

lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (SALLES, 2007 p.63).

De acordo com Quadros (1997, citado por Dizeu & Caporali, 2005), tal língua surge pelos mesmos ideais, as necessidades naturais e específicas dos seres humanos de usarem um sistema lingüístico para expressarem idéias, sentimentos e ações. Esta língua apresenta em sua estrutura sistemas abstratos, regras gramaticais e complexidades lingüísticas, como também expressões metafóricas. Quadros (op. cit.) ressalta ainda que a língua de sinais apresenta tanta complexidade e expressividade quanto a língua oral. Esta língua, como todas as outras, estabelece características próprias, de acordo com a nacionalidade e até mesmo a regionalidade. Ela compreende uma organização material de constituintes, fechada e convencional, correspondentes às possibilidades do canal visual-manual-gestual. Como afirma Sacks (1998), as línguas de sinais apresentam sintaxe, gramática e semântica completas, mas possuem caráter diferente daquele das línguas escritas e faladas.

Face ao exposto acima, percebe-se que a visão é o instrumento que o surdo utiliza para compreender o que se passa à sua volta e deve ser utilizada no trabalho pelos diversos segmentos profissionais envolvidos com essa modalidade de deficiência. Para Skliar (1997, citado por HOFFMEISTER 1999, p.119), "essa língua baseada na visão, a língua de sinais, é a essência do "mundo dos surdos", é nela que ele ocupa seu espaço e tempo, dá sentido e desenvolve sua aprendizagem. Para Quadros e Perlin (2007):

a Língua de Sinais Brasileira, cuja fonologia delimita as unidades mínimas distintivas, consideradas como fonemas, firma-se a partir da decomposição dos movimentos das mãos, dos braços, dos espaços, dos pontos fixos ou não e das expressões faciais, o que é ininteligível para a acuidade visual das pessoas não usuárias da LIBRAS (p.128).

Nesse contexto, acreditamos que a visão é o principal canal de percepção para os surdos e para isso os recursos de ensino, como imagens, ilustrações, fotos e vídeos, devem ser frequentemente utilizados no sentido de garantir a compreensão dos conceitos, sequência e apropriação dos conteúdos apresentados na sala de aula. Quadros e Perlin (2007) afirmam que com o uso da LIBRAS as pessoas com a deficiência auditiva podem desenvolver normalmente suas inteligências, de modo a poderem levar vidas produtivas, auto-suficientes, desenvolvendo uma auto-imagem positiva.

Considerando a inclusão como uma estratégia educacional que exige formas de ação comprometidas com a inclusão da pessoa surda, torna-se necessário o desenvolvimento de *mecanismos específicos de comunicação entre o professor e o*

aluno. Assim sendo, pensar em uma escola inclusiva significa fornecer aos estudantes com necessidades educativas especiais condições de aprendizagem iguais aos demais, levando-se em consideração sua deficiência, o que envolve garantir um material adaptado para atender às suas especificidades.

Para Mantoan (1998), é necessário instituir a inclusão dos deficientes na escola regular de uma forma mais radical, completa e sistemática. A meta da inclusão é não deixar ninguém de fora do sistema escolar, que terá que se adaptar às particularidades de todos os alunos. A inclusão, segundo essa mesma autora, corresponde a uma consequência de um ensino de qualidade para todos os alunos, de modo que:

provoca e exige da escola brasileira novos posicionamentos e é um motivo a mais para que o ensino se modernize e para que os professores aperfeiçoem as suas práticas. É uma inovação que implica num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas de nível básico (p. 44).

Vimos que, para Mantoan (op. cit.), a escola inclusiva é a que busca construir no coletivo uma pedagogia que atenda todos os alunos, a que tem compreensão da diversidade humana como um fator que impulsiona novas formas de organizar o ensino e, também é a responsável pela definição de medidas paliativas para o processo de ensino aprendizagem.

3. O PROJETO: PROPOSTAS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DO SURDO

Inserimos o Projeto “Ampliando Horizontes na Educação dos Surdos: Propostas de Atividades Pedagógicas” no segundo semestre de 2009, o qual foi desenvolvido em sala de aula na disciplina Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Participaram 235 alunos dos cursos de Licenciaturas em Letras, Artes, Ciências Biológicas, História, Informática, Letras, Pedagogia, Enfermagem, Nutrição da Universidade José de Souza Herdy – UNIGRANRIO. O objetivo foi de oferecer aos alunos dos cursos de Licenciaturas da Universidade UNIGRANRIO a possibilidade de refletir sobre a sua aprendizagem, considerando que é na situação de ensino que o professor aprende e, nesse sentido, desenvolve-se profissionalmente.

A motivação para o desenvolvimento do projeto “Ampliando Horizontes na Educação do Surdo” surgiu das inquietações dos Licenciandos durante as aulas. Muitas vezes os discentes, futuros professores apresentavam-se surpreendidos pela inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais na grade curricular dos cursos de Licenciaturas e reagem das mais diversas formas. O que chamou minha atenção

foram as perguntas que faziam, tais como: O que eu vou fazer com o ensino da LIBRAS? Como atuar na minha área de formação com a Língua de Sinais?

Entretanto, o projeto em questão traduzia a tentativa de se buscar uma resposta. Ao mesmo tempo percebia-se que seria necessário investir na formação do professor, conhecendo as especificidades para atender ao aluno com necessidades educativas especiais e, em particular, a Deficiência Auditiva e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento, contribuindo para a construção de uma escola inclusiva.

Baseado na premissa, que a inclusão do aluno com surdez deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, garantindo-lhe, desde cedo, utilizar os recursos de que necessita para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares, exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios constitucionais do nosso país. A inclusão de pessoas com surdez na escola comum requer que se busquem meios para beneficiar sua participação e aprendizagem tanto na sala de aula como no Atendimento Educacional Especializado.

De acordo com os Parâmetros curriculares nacionais (PCNs): Adaptações Curriculares (1998), para que o aluno com surdez tenha acesso ao currículo é preciso desenvolver algumas adaptações. Assim as adaptações para os PCNs correspondem ao conjunto de modificações nos elementos físicos e materiais do ensino, bem como aos recursos pessoais do professor quanto ao seu preparo para trabalhar com os alunos. Convém lembrar que as alterações nos materiais de comunicação, como também os recursos pessoais dos professores, são definidas nos PCNs como propostas que venham a facilitar o acesso dos alunos com necessidades educacionais especiais ao currículo escolar.

Analisando os PCNs, destacam-se a seguir as seguintes medidas que constituem essas adaptações de acesso ao currículo, como: criar condições físicas, ambientais e materiais para o aluno na sua unidade escolar de atendimento; propiciar os melhores níveis de comunicação e interação com as pessoas com as quais convive na comunidade escolar; favorecer a participação nas atividades escolares; adaptar materiais de uso comum em sala de aula; adotar sistemas de comunicação alternativos para os alunos impedidos de comunicação oral (no processo de ensino e de aprendizagem e na avaliação).

Um dos pontos principais desta proposta foi estimular os discentes dos cursos de Licenciaturas a desenvolverem algumas sugestões de recursos de acesso ao currículo para alunos com necessidades especiais, segundo necessidades específicas para alunos com deficiência auditiva, como: material visual e outros de apoio, para favorecer a apreensão das informações expostas verbalmente e, o desenvolvimento de propostas adaptadas para encorajar, estimular e reforçar a comunicação, a participação, o sucesso, a iniciativa e o desempenho do aluno surdo.

A experiência também se propôs a refletir sobre a relação ensino-aprendizagem e inovação, partindo da premissa de que a criatividade do professor é uma qualidade a ser buscada pelo professor, interligado as questões da subjetividade do aluno e motivação do mesmo. .

O projeto, portanto, procura oferecer uma contribuição acadêmico-social aos alunos dos cursos de Licenciaturas, na medida em que sugere um suporte técnico e científico, com dinâmicas específicas que lhes habilita a entender o universo lingüístico, social e cultural do surdo. Deste modo, pretendeu levar esses alunos – professores em formação – a refletir sobre os vários aspectos pedagógicos, que sinalizem mudanças significativas no currículo com atividades que tenha significado e agregue valor à formação dos alunos, proporcionando-lhes uma visão mais abrangente dos caminhos possíveis que as propostas inovadoras podem oferecer ao aluno surdo na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de seu potencial criativo.

Segundo Woods (1995), o ensino criativo se associa a subjetividade do educador – do seu próprio “eu” – e de como ele faz uso de sua autonomia na sala de aula, tornando-se capaz de sair da rotina diária por meio de atitudes e expressões inovadoras. Essa proposta de ensino possibilita tanto a construção de valores e princípios morais quanto o desenvolvimento de saberes e competências afetivas, psicolingüísticas e cognitivas, bem como, a superação de dificuldades e a obtenção de resultados positivos de aprendizagem.

4. AS ATIVIDADES ADAPTADAS: INOVANDO E (RE)ENCANTANDO O ENSINO DO SURDO

Essas são algumas sugestões das quais acreditamos que os alunos surdos possam participar nas aulas, pois há diferentes maneiras deles se expressarem, seja mostrando, escrevendo no quadro, escrevendo no caderno, entre outros meios de comunicação. Considerando que os alunos surdos têm como ponto forte o campo da visão, o ensino das disciplinas, como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia devem explorar esse principal canal de aprendizagem, por meio de jogos e materiais alternativos.

Nesse contexto, acreditamos que eles necessitam desse tipo de atividades elaboradas pelos alunos dos cursos de Licenciaturas, nas quais eles possam participar ativamente e interagir como os colegas ouvintes, o que favorece o processo de ensino e de aprendizagem.

Concluindo, as proposta elaboradas pelos licenciandos mostraram que é preciso romper com o tradicional, trabalhar com o enfoque da interdisciplinaridade no ensino do surdo, favorecendo de alguma forma a comunicação e possibilitando a participação deste aluno na construção de sua aprendizagem. Isso exige a organização de uma didática favorável a este processo de inclusão de pessoas surdas em classes regulares.

Segundo os PCNs apontam:

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 2002, p. 88-89).

Portanto, acreditamos que a interdisciplinaridade, no contexto de inovação e (re) encantamento da educação do surdo, pressupõe uma organização, uma articulação voluntária e coordenada de ações disciplinares orientadas por um interesse em comum e voltada sem especial ao nosso alunado surdo.

Os resultados apresentados consistem em um recorte das produções dos alunos dos cursos de Licenciaturas à partir dos seguintes eixos temáticos: Português e Ciências, e tais propostas objetivam garantir uma formação ampla e geral. Essas propostas compõem uma prática que não dilui as disciplinas no contexto escolar, mas amplia o trabalho disciplinar na medida em que promove a aproximação e a articulação das atividades docentes em uma ação coordenada e orientada para objetivos definidos. Acreditamos que a riqueza da interdisciplinaridade está nesta ação conjunta. Dessa forma, a prática docente na escola cria, acima de tudo, a possibilidade do encontro, da partilha, da cooperação e do diálogo. Nesse sentido, Fazenda (1994) fortalece tal idéia quando apresenta as atitudes de um professor interdisciplinar:

Entendemos por atitudes interdisciplinares, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitudes de reciprocidade que impede à troca, que impede ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida (p. 82).

Na visão de Fazenda (op. cit.) buscamos suporte teórico para defender e melhor fundamentar nossa proposta principal de levar os profissionais que trabalham com surdos a refletirem sobre a importância das atividades pedagógicas adaptadas

Figura 3: Roleta das Classes Gramaticais

Figura 4: Caixa do Contrário



Figura 5: Jogo da Memória

Figura 6: Embaralhando o Alfabeto



Figura 7: Sinais em Contexto

Figura 8: Caixa Mágica da LBS



Figura 9: Software Gramatical: A fazendinha



Figura 10: Construindo o Cenário



Figura 11: Brincando com os Nomes próprios



Figura 12: Caça-Palavra



Figura 13: Jogo da Forca

Figura 13: Caça-Palavras



Figura 14: Jogo - Argola do Alfabeto

Figura 15: Livro Ilustrado



Figura 16: Baralhando os pronomes

**Figura 17: Jogo da Memória I
dos Substantivos**



Figura 18: Jogo da Memória II
dos Substantivos

4.2 ATIVIDADES PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS

As propostas apresentadas a seguir têm o objetivo de desenvolver o conhecimento, estimular e despertar a aprendizagem, como o reconhecimento dos conteúdos abordados para a área de ensino em questão, como: corpo humano, hábitos de higiene, Animais, aparelho reprodutor, meio ambiente, poluição, reciclagem, estrutura da Flor, insetos, animais vertebrados, DNA, cadeia alimentar e as partes das árvores.

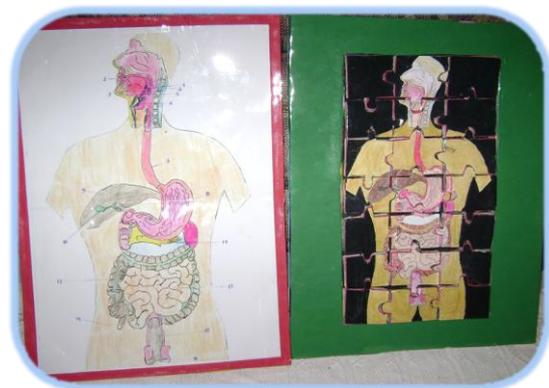


Figura 2: Quebra-Cabeça: Órgãos do Corpo Humano

Figura 1: Cruzadinha

Hábitos de Higiene



Figura 3: Software: Corpo Humano



Figura 4: Aprendendo Ciências e Biologia



Figura 5: Jogo da Trilha



Figura 6: Práticas de Educação Ambiental



Figura 7: Caminho do Conhecimento



Figura 8: Quebra-cabeça
Estrutura da Flor

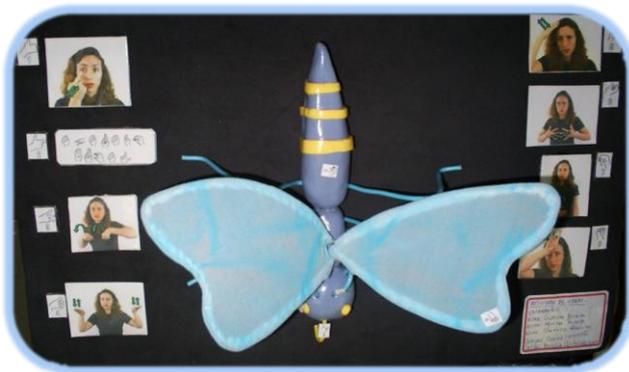
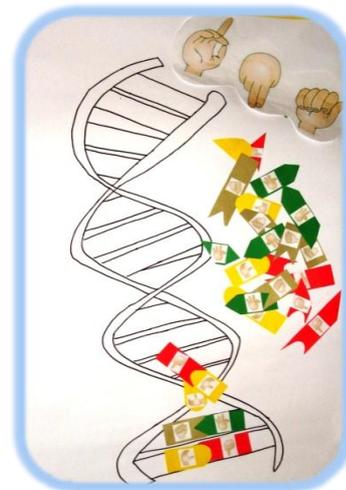


Figura 9: Jogo da Memória



Partes Estruturais do Inseto (Borboleta)

Figura 10: Estrutura do DNA



Figura 11: Jogo da Memória I :
Animais

Figura 12: Jogo da Memória II:
Animais



Figura 13: Jogo da Memória



Figura 14: Jogo do MemorizAÇÃO



Figura 15: Super Trunfo Animal



Figura 16: Jogo do PLIM



Figura 17: Separando

o Lixo que não é Lixo

Figura 18: Reciclando

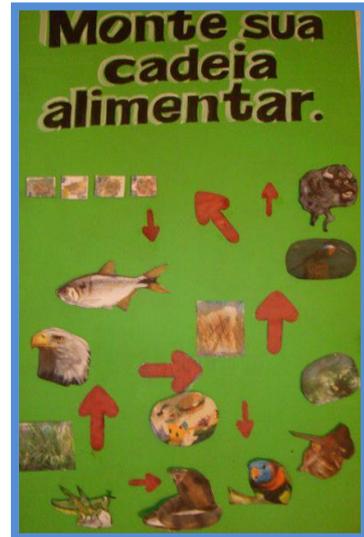


Figura 19: Jogo da Memória: Alimentos

Figura 20: Memória: Cadeia alimentar



Figura 21: Jogo dos Vertebrado

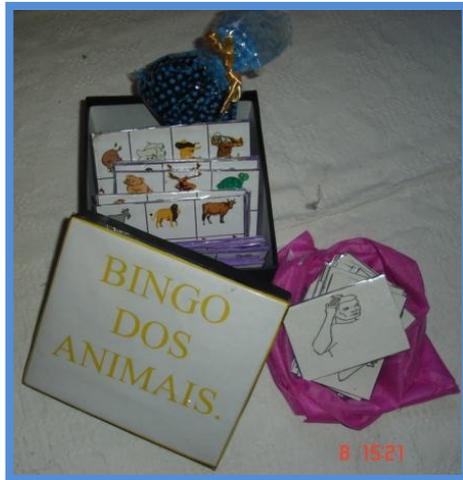


Figura 22: Domino dos Animais



Figura 23: Bingo dos Animais

Figura 24: Brincando com os Inseto



Figura 25: Jogo da memória: Aparelho Reprodutor

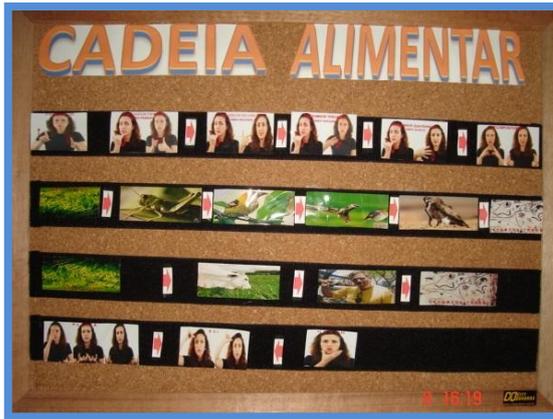


Figura 26: Cadeia Alimentar



Figura 27: Dominando os Animais

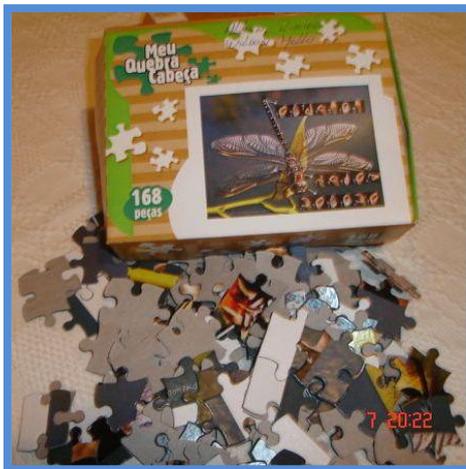


Figura 28: Quebra Cabeça



Figura 29: Jogo de Encaixe

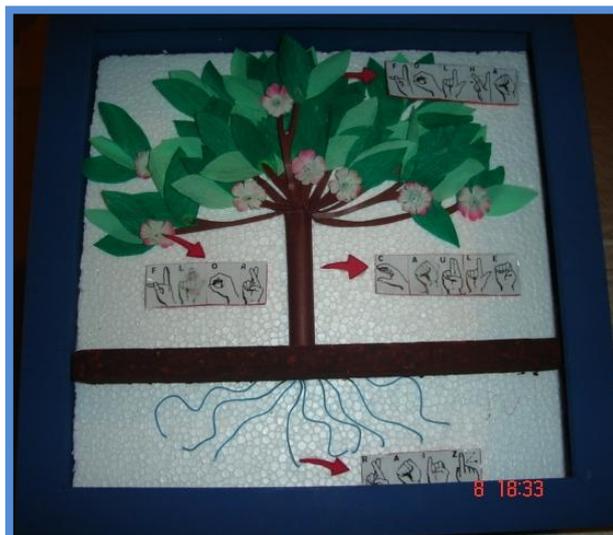


Figura 30: Identificando as partes da árvore

5. CONCLUSÃO

A proposta apresentada neste trabalho teve como objetivo principal convidar os futuros professores a socializarem suas descobertas, trocarem experiências e divulgarem seus trabalhos, pois sabemos que os professores têm uma enorme riqueza de idéias, informações, conhecimentos e estratégias para conduzirem seu próprio trabalho. A disciplina de LIBRAS dá muita importância à divulgação dos trabalhos dos universitários, porque, além do próprio valor desses trabalhos, eles podem ser referência ou servir de inspiração para outros professores. Os projetos didáticos construídos durante a disciplina de LIBRAS são catalogados e passam a constituir um acervo, ao qual os profissionais interessados em projetos de inclusão social podem ter acesso e fazer consultas, em uma expectativa de que ao se sintetizar as preocupações com um mundo mais solidário, encontremos caminhos para que barreiras econômicas, sociais, culturais e lingüísticas possam ser cada vez mais diminuídas.

Essa “Proposta de Atividades Adaptadas” se consolidou na forma de um conjunto de atividades criativas e inovadoras para o ensino do Surdo. A intenção não foi oferecer uma receita pronta de como ensinar ou como lidar com os alunos com a deficiência auditiva, mas ampliar a visão dos alunos dos cursos de licenciaturas (futuros educadores), trazendo alguns pontos de vistas diferentes daqueles habitualmente encontrados na escola. Neste sentido, a proposta oferece alguns

instrumentos que podem dar suporte à prática docente e ajudar a construir um modo próprio de ser educador.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998, p.38

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002, p. 36-64.

BRASIL. SEESP / SEED / MEC. Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado Pessoa com Surdez. Brasília/DF – 2007, p. 17.

CORDIÉ, A. Os atrasados não existem: Psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Arte Médicas, 1996, p.56.

DIZEU, L.C.T.B; CAPORALI, S.A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educação e Sociedade - vol.26 nº 91. Campinas, 2005, p. 15.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 4. Ed. Campinas: Papirus, 1994, p. 82.

QUADROS, R.M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 128.

HOFFMEISTER, R. Famílias, Crianças Surdas, O mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999, p. 119.

LIBÂNIO, J. C.. Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2001, p.42.

MANTOAN, M.T. Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003, p. 44-89.

NÓVOA, A. Profissão professor. NÓVOA, A. (org.). Profissão professor. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999, p.58.

SALLES, H. M. M. Lima. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática. Brasília: MEC, SEESP, 2007, p. 63.

SKLIAR, C. Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no Projeto de Educação Bilíngüe para os Surdos. *Espaço Informativo Técnico Científica do INES*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 49-57, 1997.

WOODS, P. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: NÓVOA, Antônio (Org.). Profissão professor. Coleção Ciências da Educação. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1995, p. 132.

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002 – Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>.

Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 – disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/D5626.htm.